**Neoplasia maligna do pâncreas no Brasil: uma abordagem epidemiológica**

Christyan Polizeli de Souza¹\*; Isabel Cristina Borges de Menezes¹; Joaquim Ferreira Fernandes¹; Mercielle Ferreira Silva Martinelle¹; Raquel Rios de Castro Pontes²; Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva³

¹Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Curso de Medicina – Goiânia – GO

²Universidade de Rio Verde, campus Aparecida de Goiânia. Curso de Medicina – Aparecida de Goiânia – GO

\*Autor correspondente: Christyanpolizeli19@gmail.com

**Introdução:** A neoplasia maligna do pâncreas, no Brasil, é responsável por 4% do total de mortes, por câncer, sendo considerado a oitava causa de morte por malignidade. A maioria dos pacientes, que é diagnosticada, está em fase localmente avançada ou metastática da doença. Os fatores de risco, que estão relacionados ao câncer de pâncreas, no Brasil, são: o aumento de idade, geralmente, com pico entre 70 e 80 anos, o tabagismo, a obesidade, o sedentarismo, o diabetes mellitus e o baixo nível socioeconômico (1). O único tratamento, atualmente, com potencialidade de cura, para o câncer de pâncreas, é a ressecção cirúrgica, embora as taxas de recorrência sejam elevadas (2). **Objetivos:** Descrever o perfil epidemiológico da neoplasia maligna do pâncreas, no Brasil, entre 2007 e 2019. **Métodos:** Estudo epidemiológico descritivo e observacional. Para a coleta dos dados, foi usado o DATASUS, por meio do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Observou-se a taxa de mortalidade e a quantidade de internações, por neoplasia maligna do pâncreas, segundo regiões do Brasil, faixa etária e etnia, no período de 2008 a 2019. **Resultados:** No período avaliado, foram registrados 92.791 casos, de neoplasia maligna do pâncreas, no Brasil, sendo que houve aumento de 2007 a 2008 de 3.697 casos, após isso de 2008 a 2019 houve aumento médio de, aproximadamente, 648 casos por ano. A região com maior incidência de internação, por câncer de pâncreas, foi a região Sudeste **(**50%), seguida da regiões: Sul (26%), Nordeste (15%), Centro-Oeste (6%) e Norte (3%), sendo predominante em idades entre 60 a 69 anos (30%), seguida de idades entre 50 e 59 anos (24%), 70 e 79 anos ( 21%) e as idades inferior a 49 anos (15%). Não houve diferença importante entre o sexo masculino (50,5%) e o feminino (49,5%). Em relação à etnia, foi notado incidência maior na branca (61%), seguida pelas etnias: parda (33%), preta (5%), amarela (1%) e indígena (< 0,1%). A taxa de mortalidade, por 100.000 habitantes, foi maior no Norte (30,19) e menor no Nordeste (24,93). **Conclusão:** A partir deste estudo, foi possível identificar a incidência maior, no Brasil, da neoplasia maligna do pâncreas, em pacientes de 70 a 80 anos de idade. A região com maior incidência foi a Sudeste, devendo-se ressaltar que nesse território é comum situações, como: tabagismo, obesidade, sedentarismo e parcela da população sem condições para alimentação adequada. Finalmente, o tratamento tardio pode ser a causa da região Norte ter a maior taxa de mortalidade do país.

**Palavras-chave:** Neoplasia; pâncreas; perfil epidemiológico.

**Referência:**

1. SOLDAN MÔNICA. Rastreio do cancro do pâncreas. Rev. Col. Bras. Cir. [Internet]. Abril de 2017 [citado em 12 de setembro de 2020]; 44 (2): 109-111. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0100-69912017000200109&lng=en.  <https://doi.org/10.1590/0100-69912017002015> .
2. 1. Mcguigan A, Kelly P, Turkington RC, Jones C, Coleman HG, Mccain RS, et al. Pancreatic cancer : A review of clinical diagnosis , epidemiology , treatment and outcomes. 2018;24(43):4846–61.